



REDES do TEMPO

Jornal do Museu de Sines: Número 10 | Abril 2013 | Diretor: Manuel Coelho | Edição: Câmara Municipal de Sines | Distribuição Gratuita

João Martins jogando no Estádio Nacional - Arquivo Municipal de Sines Arnaldo Soledade. Doação de Joaquim Martins

João Martins e outros senhores da bola

Joaquim Martins (n. 1935) fala-nos do seu irmão mais velho João Martins (1927-1993), desde as primeiras bolas que fabricava com meias para os seus jogos de rua até aos grandes jogos internacionais ao serviço do Sporting e da Seleção Nacional. Uma caminhada de esforço e talento, sem nunca esquecer a família e os amigos que o mantinham ligado à sua terra.

Nascemos no Largo do Correios, onde hoje é o Talho Popular. Depois fomos viver para a Rua Alexandre Herculano. Havia uma escola ali perto, na Rua Francisco Luís Lopes, a escola das Garcias, que era de duas irmãs. Ali aprendeu as primeiras letras e depois foi fazer exame à Câmara, onde havia bons professores, como a D. Aninhas e o professor Delicado.

Em crianças, havia um campo ao pé da Senhora das Salas que era o Largo da Cruz. Até uma rapariga jogava a guarda-redes - era a Emília, irmã do David Pereira. Desde a hora que houvesse uma bola, em qualquer sítio se jogava. Eles até jogaram no Largo da Atalaia e nunca chegaram a partir um vidro! Pior era quando a bola descia a ladeira até lá abaixo à estrada (risos).

O meu irmão roubava as meias para fazer as bolas. O meu pai tinha um terreno onde semeava milho, e então íamos descamisar milho, e roubávamos a folha do milho para fazer as bolas. Enchíamos a meia, cosíamos com uma linha e pronto.

Também estávamos à espera do tio Norberto Maú matar um porco que era por causa da bexiga. Às vezes até o ajudávamos e ele dava a bexiga à gente para fazer a bola.

Na Rua Alexandre Herculano, a três ou quatro passos da nossa casa, era a sede do Nacional, que era filial do Benfica. Era lá que, com o meu irmão e os outros, íamos

treinando. Eu sempre muito doente, mas ele tinha cabedal e saúde. Naquela altura era muito magrinho - a fome também apertava um bocadinho - mas inscreveu-se e jogou pelo Nacional.

Devia ter à volta de uns 15 ou 16 anos quando foi trabalhar para a cortiça, na fábrica Hauser e Fernandes. E ali trabalhou uns poucos de anos, até aos 17 ou 18 e tal. Trabalhava nas máquinas para fazer rolhas. Foi aí que começou a ganhar uns "tostanitos" para levar para casa.

E então, dá-se a coincidência de o Sr. Gouveia, o patrão da fábrica, ter uma filha, e fazer bastante gosto que ela se casasse em Sines. Então veio fazer o casamento e como havia festa rija, lembraram-se de fazer um jogo de futebol, para entusiasmar o pagode. O Sr. Gouveia também tinha uma fábrica grande para os lados do Barreiro, e veio uma equipa de lá. Ora, os gajos lá tinham malta do Barreiro, da CUF, e talvez alguns de Setúbal. "Vamos fazer um desafiozinho. Vocês levam uma caldeirada", diziam eles para os sineenses, que respondiam: "a gente logo vê". Ora, mas a malta de cá jogava à bola descalça, jogavam quase todos os dias, quando acabava o trabalho na fábrica. Estavam preparados. Começaram, os outros levaram uma, levaram duas, levaram 7-0. O meu irmão marcou 5 golos.

Nesse jogo, estava lá o dono do cinema, o Hevaristo Pontes. Achou que o meu irmão tinha muito jeito para a bola, pegou nele e levou-o para o Olhanense. Fez lá uns treinos, mas tinha saudades da família e voltou para Sines. Depois foi treinar à CUF. Fez um jogo e até marcou um golo a extremo-esquerdo. Mas ele só lá ficava se lhe dessem emprego. Como não deram, houve um ciclista, o Alfredo Trindade, que o levou para o Sporting.

No Sporting começou a jogar nas reservas. Tinha 18 ou 19 anos. Na posição em que jogava, a linha estava ocupada pelos melhores jogadores portugueses, os "cinco violinos". Não havia hipótese de lá pôr o pé. Aquilo estava preparado para jogar anos e anos sempre a mesma equipa. Mas o tempo foi passando e ele começou-se a infiltrar para substituir outros jogadores. Jogou em várias posições.

Na Taça dos Campeões Europeus, calhou o Sporting jogar com o Partizan no Estádio Nacional. O meu irmão jogava a avançado-centro. Nesse jogo marcou dois golos. Marcou o primeiro de cabeça, logo no início do jogo. Empataram 3-3.

Uma vez jogaram contra a seleção da África do Sul. Os gajos eram mesmo bons. Na primeira parte estavam a perder por 4-0 mas acabaram por ganhar por 5-4. O meu irmão marcou o último golo. Ofereceram-

lhe um dente de marfim com 10 ou 15kg.

Num jogo com o Belenenses, eles vá de gozo, a trocar a bola, perguntavam ao polícia que lá estava quanto tempo é que faltava, e ele: "4 minutos". O meu irmão apanhou a bola e toma, mandou-a lá para dentro. Empataram 2-2. O Belenenses estava a ganhar 2-1. Só tinham que ganhar o jogo para ganhar o campeonato, não podiam empatar. O meu irmão marcou e deu o campeonato ao Benfica.

Quando vinha a Sines, ia ao Café Portugal (onde hoje está o restaurante "À Coca"), do António Estelano, e era onde se juntava a malta da bola. Também treinava com os amigos. Outras vezes, jogavam na praia, com a maré baixa. Os melhores bocadinhos que ele tinha era quando tinha vagar e vinha a Sines.

A partir de entrevista por António Campos, a 4 de abril de 2013.

Nota prévia

O futebol é, na nossa tradição, o desporto das paixões. Nesta edição do Redes do Tempo recordamos, através de testemunhos na primeira pessoa, a forma como "ir à bola" e pertencer a um clube de futebol, nem que fosse apenas por afinidade, estava no centro da vida de Sines. Em meados do século XX, o grande herói era João Martins, o futebolista da terra que mais se destacou e inspirou gerações a dedicarem-se ao futebol. Hoje, quando o panorama do desporto se enriqueceu e diversificou, em modalidades e instalações, devemos reconhecer o papel pioneiro destes homens e mulheres, que com tão pouco fizeram tanto.



O Presidente da Câmara
Manuel Coelho

António Beja

Sócio do Lusitano

António Beja (n.1921) fala-nos do “seu” Lusitano e do destino trágico do primeiro equipamento comprado para a equipa. Lembra-nos ainda o Marítimo, um dos primeiros clubes que existiram em Sines e de que poucos já se recordam.

Entre logo moço pequeno para o Lusitano. A minha família era toda do Lusitano e ia ver os jogos todos. Eles eram a filial n.º 11 do Belenenses.

Muita gente já não sabe, mas o primeiro equipamento, quando se formou o Lusitano, foi comprado na Casa Peyroteu, em Lisboa. Nessa altura havia já as camionetas para Sines a partir de Cacilhas. A casa Peyroteu despachou a encomenda para Sines, e, como tal, de Lisboa para Cacilhas veio no cacilheiro que se chamava “Tonecas”. Vinha o equipamento, bolas, botas, tudo. O certo é que, nessa noite de 19 de dezembro de 1938, o barco ao atravessar o rio - estava muito nevoeiro - colidiu com uma draga, afundou-se e desapareceu tudo.

A primeira sede do Lusitano foi aqui no fim da Rua Francisco Luís Lopes, para lá do antigo Museu. Era no primeiro andar de uma casa onde havia um barbeiro, o “Fanol”. Depois, daí, veio para onde era o “Armadilhas”, ao lado do Centro Recreativo Sineense. No rés-do-chão era um café. Só depois é que foi para o edifício da atual sede do Vasco da Gama, onde foi o primeiro cinema em Sines. Era do Salvador, de Grândola. Do outro lado da rua havia um quintalão que era do Campinas, onde o Salvador montou uma barraca



A equipa do Lusitano em 1940 - Coleção do Vasco da Gama Atlético Clube

com um motor, para dar energia ao cinema. Vi ali duas vezes o “Zé do Telhado”. Foi ali que deu o primeiro filme sonoro em Sines, “A Severa”.

Os jogadores do Lusitano começaram a jogar por detrás do Viveiro do Farelo. Havia a estrada para o Cercal, que começava em S. Marcos, havia as fabriquetas de

cortiça e depois era o viveiro. Atrás do viveiro era esse campo de futebol.

Os adeptos eram todos trabalhadores. Os adeptos do Lusitano eram mais os corticeiros, os carpinteiros e o pessoal do campo. Mas já havia um clube mais antigo, o Marítimo, que tinha sido fundado nos Penedos, naquela casa onde está a

“meia-laranja”. Depois passou para a rua 9 de abril, n.º 17, salvo erro. E depois passou para o Largo dos Correios. Mas desapareceu quando surgiram o Lusitano e o Nacional.

A partir de entrevista por António Campos, a 4 de abril de 2013.

Manuel Figueiredo

Craques de outros tempos

Manuel Figueiredo lembra-nos de como ouvia pela noite dentro João Martins e outros craques a contar as suas aventuras no mundo do futebol. Para os mais novos como ele foi uma inspiração e um incentivo para uma carreira desportiva.

Foi o João Martins quem marcou o primeiro golo da história da Taça dos Campeões e isso foi um feito que ficou na história do futebol europeu. Foi no primeiro jogo, realizado entre o Sporting e o Partizan de Belgrado, no Estádio Nacional do Jamor, a 4 de setembro de 1955. Logo ao fim do primeiro quarto de hora o Martins marcou esse golo histórico.

Aqui em Sines ajudou sempre os amigos. Quando havia um jogador que se lesionava, ele tinha a preocupação de pegar nele e levá-lo ao Manuel Marques, que era o massagista do Sporting.

Mas convivi mais com ele quando deixou de jogar futebol, quando, apesar de ter ido trabalhar para França, onde morreu, vinha cá nas férias. Então a casa dele era a nossa pastelaria. Sempre gostei muito do desporto e lembro-me de estar uma vez, desde as 10 horas da noite até à 6 da manhã, com o João Martins, o Vicente Lucas, o Zé Águas e o Vicente do Ó, craques do futebol português, a recordar coisas passadas. Eu só ouvia... E nem sequer dei pelo tempo se passar.

O João Martins, quando deixou de jogar futebol, foi para a Madeira treinar o Marítimo. É outra coisa que muita gente não sabe. Mas durante pouco tempo, porque apercebeu-se que não tinha grande jeito para treinar, como o Vicente Lucas, por exemplo, que foi um dos melhores jogadores do futebol português, foi o jogador que ficou conhecido no Mundial por ter marcado o Pelé. Foi meu treinador aqui no Vasco da Gama. Martins sabia muito de futebol, mas era muito macio, era dema-

siado bom para ser treinador de futebol.

Quando vestiu a primeira camisola da Seleção Nacional, ofereceu-a ao Sport Lisboa e Sines (Nacional).

Passados anos, o clube Vasco da Gama, do Brasil, veio a Portugal. Foi em roma-

gem aos Jerónimos e aproveitaram para vir a Sines, para deixar uma lápide na casa onde nasceu Vasco da Gama. Como nessa altura ainda não havia o Vasco da Gama de Sines, os dois clubes da terra associaram-se a essa festa, que foi muito bonita,



Capa de “Sport Ilustrado”, 1957 - Arquivo Municipal de Sines Arnaldo Soledade Doação de Joaquim Martins

e nessa ocasião o Sport Lisboa e Sines ofereceu ao Vasco da Gama do Brasil a coisa mais importante que eles tinham: a camisola de João Martins.

Há anos, o Manafaija participou num Campeonato do Mundo de Pesca Submarina no Brasil, foi à sede do Vasco da Gama e lá estava a primeira camisola que João Martins vestiu na Seleção. Mais tarde, quando foi presidente da Câmara, foi ele que promoveu a fusão dos dois clubes da terra e assim nasceu o Vasco da Gama.

Na minha juventude havia uma grande rivalidade entre estes dois antigos clubes. O que é que havia então em Sines? Nada. Havia o cinema e o futebol. Quando havia jogo entre o Sport Lisboa e Sines e o Futebol Clube os Sineenses, aquilo era uma festa! Porque não havia mais nada... Infelizmente, não era como hoje.

Eu comecei a jogar na rua, no Largo da Atalaia, com oito ou nove anos. Uma baliza era nas escadinhas e a outra na rua em frente. As bolas eram meias cheias de trapos ou papéis. Naquele tempo tínhamos de inventar os nossos brinquedos. Para jogar hóquei em patins fâmos às matas para arranjar um pau para fazer de stique. Não se comprava nada.

Há muita coisa que eu hoje recordo. As pessoas dizem assim: “tens saudades desse tempo?” Eu tenho saudades de alguma coisa. As dificuldades que nós tínhamos uniam as pessoas para sempre. Até as crianças se uniam.

A partir de entrevista por Ricardo Pereira, a 2 de abril de 2013.

Joaquim António da Silva – “Senhor Duque”

Quando os campos eram de barro e as botas tinham pregos

Joaquim António da Silva nasceu na Rua da Alegria, a 29 de junho de 1943. É conhecido por todos como Senhor Duque, alcunha que lhe ficou dos tempos em que era jogador. Lembra-nos a rivalidade entre o Lusitano e o Nacional, a dureza do futebol dos campos pelados e as tardes em que Sines inteiro se reunia para ver a bola.

Com oito anos comecei a gostar do Nacional e a ir aos jogos. O campo de futebol era onde está o mercado municipal. Era um campo pelado, em barro. Tinha uma cabeceira, que era onde estava o moinho. E a cabeceira para sul é onde hoje é a loja das fotografias.

Comecei a jogar com 16 anos. Fui um dos jogadores mais novos autorizados a jogar. Tive de ir a Setúbal para me federar. Joguei até à idade de 24 anos. Ainda joguei 6 meses depois da fusão com o Lusitano. Mas nessa altura já estava determinado a abalar para a Alemanha, e acabei por me ir embora em junho de 1969.

Nos treinos, primeiro era o aquecimento, a correr à volta do campo. Ginástica havia pouca, porque não havia ninguém para dar. Era mais exercícios com bola. O nosso treinador punha 3 ou 4 defesas a jogar uns com os outros, os avançados a jogar uns com os outros. Quando ele via que estava tudo mais ou menos, lá arranjava cinco de um lado, cinco do outro e fazíamos um jogo. Treinávamos no campo de futebol e o Lusitano também. Tinha era de ser alternado. As direções é que resolviam isso. Chegou-se a dar algumas vezes, mas muito poucas, estarem eles e estar a gente. Às vezes, por causa da chuva, não se treinava e então tínhamos de fazer assim. Eles treinavam de um lado do campo e nós do outro.

Eu levantava-me às duas da manhã da cama e ia para o mar. Iscava três ou quatro caixotes de aparelho. Largava o aparelho de manhã. Metia-me numa aiola - um barquito pequeno -, a remar e puxar as boias à frente do barco. Vinha de lá cansado e ainda vinha fazer noventa minutos a jogar à bola.

No Nacional jogava a malta do “pé descalço”. No Lusitano só jogavam aqueles com sapatilhas e sapatos. Havia sempre alguma rivalidade, umas vezes perdíamos, outras vezes ganhávamos. Nesta altura, o

Nacional tinha uns belíssimos jogadores, e o Lusitano também (tinha os irmãos Paixão, o Isidoro). Corria tudo para o Nacional, porque no Lusitano havia poucas possibilidades de entrar.

Quando jogávamos em Sines, cada um se equipava na sua coletividade. Nós vestíamos-nos onde era a sede do Nacional. Depois íamos até ao Largo da Atalaia, subíamos para a “Caninha” e descíamos a ladeira para o campo. Em ocasiões especiais, quando tínhamos um jogo com o Lusitano, ou com o Santiago, ou com o Grandolense, e queríamos logo ir “meter ferro”, é que vínhamos por dentro da vila, e subíamos pela rua do cinema. Era sempre onde se encontrava alguma assistência deles. Esse era o caminho normal do Lusitano. O Nacional foi sempre uma equipa do povo. O Lusitano foi mais a equipa da elite. Tanto que o Lusitano tinha uma sede melhor que a do Nacional.

Era sempre uma rivalidade terrível entre os dois. Nós até gostávamos, só que, por calendário, só jogávamos duas vezes. Havia aquelas jogadas mais ríspidas, e a bola era em couro. Quando chovia a bola ficava muito pesada. Uns fedelhos de 16/17 anos a jogar com uma bola daquelas num campo cheio de lama, era preciso ter nervo para dar um pontapé numa bola assim.

As botas não eram estas botinhas de hoje. O pai do Clemente que é carteiro era o nosso sapateiro e punha travessões, e os pregos que estavam nos travessões saíam para fora. Quando acabávamos de jogar tínhamos os pés todos em sangue. Às vezes já não tínhamos travessões e corríamos por cima daquele barro e daquele areão. A gente a escorregar por cima daquilo ficava com as pernas e os braços todos escalavrados.

O campo de Sines não tinha bancadas. As pessoas ficavam ali à volta de um arame que cercava o campo. Havia muita

gente que ia para a parte do moinho porque tinha uma melhor panorâmica.

Na entrada, onde está hoje um talho (antigamente era uma taberna), punham dois carros de bestas ao lado um do outro para impedir que as pessoas entrassem sem pagar. Onde hoje está a frutaria havia uma estalagem e uma cavalariça, de onde saíam essas carroças.

Onde está hoje o Espaço Sénior do Jardim das Descobertas havia um grande pital. Encostado a isso estava a Rua da Alegria, que era até cá abaixo, na direção do Centro de Artes.

Onde hoje é a ponta do muro da antiga escola primária era outra entrada. Do lado

não havia 15 tostões ou 25 tostões para pagar e deixavam passar. Era mais na primeira parte. Na segunda parte já não estavam porteiros, já deixavam entrar.

La muita gente assistir. Não iam muitas senhoras. Mas havia senhoras renhidas. Os maridos estavam lá, outras tinham um sobrinho ou um tio. Hoje vão muito mais mulheres ao futebol do que naquele tempo.

Durante os jogos havia as mulheres a vender pevides, grão torrado, amendoins, castanhas assadas, batata-doce assada. No verão, havia a bolachinha americana. O senhor fazia uma mala daquilo e lá ia. Gostava muito do Nacional. Vinha com a mala



Jogo no antigo campo de futebol - Década de 1960 - Coleção de Manuel Figueiredo

do Moinho, virado na direção do Bairro Marítimo, aquilo era só areia. Aí é que era preciso pôr a Guarda a cavalo, que era para a malta não entrar. Havia sempre gente a tentar entrar à borla. Na Rua da Alegria passavam por baixo das carroças. Mas mesmo os porteiros sabiam que às vezes

e corria o campo à volta a vender a bolachinha americana à rapaziada.

Às vezes o Sr. Clemente oferecia uma sande depois do treino ou do jogo acabar. Quem pudesse passava por lá. Havia muita fome.

A minha irmã, Aurora da Conceição Modesto, também jogava futebol, em Loures, e estava federada. Ela disse-me: “Ó Joaquim, não há possibilidades de a gente trazer cá a equipa e fazermos aí um jogo?”. Eu falei com o Sr. José Cochinho, que era na altura diretor do Nacional, e com o Sr. Piedade, que era do Lusitano. Tive de falar com gente das duas direções para ver se não havia problema de organizarem um jogo feminino cá. Elas vieram cá. Foi só um jogo. Nunca houve tanta gente naquele campo, 12 mil e tal pessoas no campo. Foi uma novidade. A minha irmã era avançado-centro, ainda meteu dois ou três golos. Jogava bem. Veio cá a equipa dela com outra equipa que elas lá organizaram. Não havia nenhuma equipa de Sines. Na altura as mulheres não podiam mostrar o joelho, quanto mais a perna até cima. Tinham um calção. Por cá, quais eram as raparigas que se iam dedicar a isso? Foi um acontecimento. Elas já sabiam que vinham cá propagandear a coisa.

A partir de entrevista por António Campos e Luísa Bruno, a 3 de abril de 2013.



A equipa do Sport Lisboa e Sines (Nacional) na década de 1960. Coleção de Joaquim António da Silva.

Linha de cima (da esquerda para a direita)
- António Varandas (treinador)
- Ângelo
- Armando Casal
- Joaquim António da Silva “Duque”
- João Loureiro
- Manelinho
- António Farias
- João Negalho
- Manuel Figueiredo “Galego”
- João Valadão (Diretor desportivo)

Linha de baixo (da esquerda para a direita)
- José Palmela (massagista)
- Arnaldo da Férrea
- Alberto Augusto Oliveira
- Luís Ablum
- José Benvindo
- António Sequeira
- José “Padeiro”

Aida Contreiras

Memórias do «meu Benfica»

Aida Contreiras nasceu com uma bela voz, sempre pronta para animar as festas e bailaricos, com destaque para o Carnaval, que aqui recorda, assim como o carro onde desfilou e que ajudou a decorar em homenagem ao seu Benfica.

Eu estou aqui! A Maria José Roberto e a Eduína em cima. Isto foi quase um dos primeiros carros que saíram à rua enfeitados assim, com as flores de papel. Isso ajudei eu a fazer, um bocadinho todas as noites, na sede do Sport Lisboa e Sines, o nosso Benfica. Tínhamos muito orgulho em fazer essas coisas.

As roupas pedíamos emprestadas. A camisola arranjaram-me no Benfica e a saia branca emprestaram-me. Íamos com o bivaque e tudo, com o símbolo do Benfica. Nós não jogávamos futebol, só para o carnaval é que saímos assim vestidas. Para desfilarmos no carro, ali na Praça e naquelas ruas ali à volta.

No Benfica organizavam também festas e bailes. Lembro-me bem do “Baile do Avental” - ainda tenho lá esse avental! Fazíamos os aventais, punham-se a concurso para ver qual gostavam mais e depois eram rifados. O dinheiro era para o clube. Fazia-se muita coisa no Benfica.

A sede até era pequena e ficava atrás dos antigos correios. Em baixo faziam bar e em cima era a sede onde se faziam os bai-

les, acompanhados a acordeão pelo tio Xico Tomate (era o apelido do homem). Aquilo, quando ele pegava no acordeão, aquilo empolgava tudo. Outras vezes ia também uma orquestrazinha que cá havia e quando não havia música faziam matinés com os discos. Muito gostava eu desses bailinhos. Faziam quase sempre matinés dançantes, que eram aos domingos ou nas vésperas dos feriados. Lá ia com a minha mãe, porque eu nunca ia sozinha. Os bailes eram o do Lusitano e o do Nacional, mas no Lusitano não gostavam de mim porque eu era toda do Nacional e cantava lá, mas os meus irmãos eram sócios do Lusitano e só assim é que entrava lá. Mas uma vez eles chamaram-me para eu ir lá cantar, numa sessão de fados, e eu fui!

A minha irmã não gostava que eu cantasse, porque naquele tempo de tudo falavam. Mas a minha perdição era andar os dias inteiros a cantar. Até na fábrica de conservas onde trabalhei e tinha de estar tudo em silêncio, só eu é que tinha autorização para cantar. Às vezes os pescadores passavam cá fora a caminho da Ribeira,

ouviam-me e batiam palmas.

Havia ainda a “Caninha” e o Centro Recreativo Sineense, mas isso era só para os sócios, só para aquela gente que se fazia mais importante... Só entrava aí pelo Carnaval, quando ia vestida de máscara. Toda a gente se mascarava naquele tempo.

O campo de futebol era ali quase ao pé, mas eu só já ia na segunda parte, porque não pagava. Aqui quando havia um jogo entre o Nacional e o Lusitano, ai valha-me Deus! Chegavam-se a bater e a atirar pedras. E então quando era com os de Santiago? Aquilo até eram pedradas nos carros.

Ainda me lembro de ver aqui jogar o João Martins. Lembro-me bem dele, era um homem alto e forte. Era mais velho do que eu mas ainda morou na minha rua. Em Sines foi um herói. Quando ele aí vinha, ai Jesus, aquilo era uma doídice... Aquelas moças novas, aquilo era uma doídice!

A partir de entrevista por Ricardo Pereira, a 10 de abril de 2013.



Maria José Roberto

«Um jogo era um grande acontecimento»

Maria José Roberto nasceu em São Domingos da Serra, a 3 de janeiro de 1942, mas muito nova veio para Sines. Recorda-nos aqui os dias da sua juventude animados pelas idas ao futebol, que por vezes acabavam em disputas entre adeptos dos dois clubes da terra.

Lembro-me de ir num carro de carnaval com uma grande taça. Era um orgulho! Levávamos saquinhos com serradura para atirar, todas contentes. A Eduína ia lá em cima e levava uma bandeira. Teve que se pôr uma escada para ela subir e estava um homem debaixo da escada a segurar, porque não se podia encostar à taça senão aquilo ia-se. A taça era coisa mais dos homens. A nossa preocupação era fazermos as flores, com papel vermelho e papel branco - as cores do Nacional - para depois colar no carro.

O meu pai era roupeiro do Nacional e trabalhava lá no bar. Chamava-se Manuel Roberto, mas chamavam-lhe Manuel “Benfica”. Ele recebia as quotas, ia dar as roupas aos jogadores no balneário, acompanhava nas viagens. Até era sapateiro: consertava as botas, punha os pitons, fazia essas coisas todas. Aquilo era tudo muito arranjadinho até ao fim, porque não havia dinheiro, não havia subsídios.

O campo era ali onde é o mercado municipal. Era um campo de terra batida. E aí é que nós íamos ao futebol. Íamos aos grupos. Umas eram do Nacional, outras do Lusitano. Quando íamos para lá, íamos muito bem, mas se era o Nacional e o Lusitano a jogar, vínhamos de lá chateadas umas com as outras. Eu tenho uma amiga, que é a Helena Gregório, mas, se havia coisas que não gostávamos contra o Nacional ou contra o Lusitano, às vezes entrávamos em choque.

Quando vinham cá jogar clubes de fora, juntavam-se muitas raparigas para ver os rapazes. Íamos todas à bola, era muito giro. Também íamos ver jogos fora. Íamos em excursões, a Alcácer, a várias terri-nhas, também da mesma divisão. Almada foi o mais longe que fomos.

Um jogo do Lusitano contra o Nacional era fantástico. Era interessante, mas havia



Carro comemorativo da Taça Regional 1953/54 - Coleção de Aida Contreiras



Grupo de Carnaval do Sport Lisboa e Sines - Coleção de Aida Contreiras

sempre muita polícia à volta, porque havia também quem atirasse pedras. Havia aí uma senhora, que o filho jogava no Nacional (era o Augusto “Piriri”, um bom jogador). Chamavam-lhe a Maria do Zé do Nabo. Falava mal dos árbitros se alguém marcava uma falta contra o filho ou se o filho fosse atacado por outro jogador (às vezes até sem querer). Não havia mais nada onde descarregar, então era na bola.

Um jogo era um grande acontecimento. Estávamos desejando que fosse a hora do jogo. Preparávamo-nos todas muito bem arranjadas e íamos para a bola. Era uma saída que a gente tinha. Já tínhamos os nossos lugarzinhos, ali em frente ao centro comercial velho, onde está a pastelaria D. Vasco. Isso aí era uma fila de casas bai-

xinhas. Ficávamos quase sempre aí.

O meu pai achava bem irmos ver o futebol. Era “doente” da bola. Era “doente” pelo Nacional e pelo Benfica, ao ponto de lhe chamarem Manuel “Benfica”.

Lembro-me do João Martins. Era miudinha, mas lembro-me. Ele vinha cá, tinha cá o irmão e a mãe. Eu tenho um irmão mais novo, que é todo sportinguista. Ele juntava todas as coisinhas possíveis do João Martins.

Nós lá em casa erámos quase todos do Benfica, mas gostávamos de ouvir na rádio qualquer coisa sobre o João Martins. Ficava-se orgulhoso de ser uma pessoa que era falada lá fora e que era de Sines. O meu pai conhecia-o a ele e à família e davam-se todos muito bem. O meu pai,

Linha de cima (da esquerda para a direita): Maria Delmira, Helena Brito, Aida Contreiras, Eduína, Maria José Roberto, Maria do Céu Baião

Linha de baixo (da esquerda para a direita): Manuel “Bazaruco”, José Negalho, Jacinto “Alinho”, António Farias, Jaime

independentemente de ser do Benfica, ficava muito orgulhoso, porque ele era um filho da terra. Quem não tinha rádio, ia para a casa de outro para ouvir aquilo que o João Martins fazia.

A partir de entrevista por António Campos, a 5 de abril de 2013.